

---

## Gender-based violence perpetrated against peripheral trans adolescents

### Violência de gênero perpetrada contra adolescentes trans periféricos

Received: 15-06-2024 | Accepted: 19-07-2024 | Published: 23-07-2024

---

#### **Matheus dos Santos Carvalho**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5835-191X>

Universidade de Pernambuco, Brasil.

E-mail: [matheussantos.carvalho@upe.br](mailto:matheussantos.carvalho@upe.br)

#### **Renato Daniel Melo da Silva**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4833-3344>

Universidade de Pernambuco, Brasil.

E-mail: [renato.daniel@upe.br](mailto:renato.daniel@upe.br)

#### **Edilene Maria da Silva Barbosa**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4744-13860>

Universidade de Pernambuco, Brasil.

E-mail: [edilene.barbosa@upe.br](mailto:edilene.barbosa@upe.br)

#### **Fernanda de Barro Patrício**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3584-2481>

Universidade de Pernambuco, Brasil.

E-mail: [fernanda.bpatricio@upe.br](mailto:fernanda.bpatricio@upe.br)

#### **Alessandra Guimarães Aquino**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9305-0282>

Universidade de Pernambuco, Brasil.

E-mail: [alessandra.gaquino@upe.br](mailto:alessandra.gaquino@upe.br)

#### **Kalina Vanderlei Paiva da Silva**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8370-1894>

Universidade de Pernambuco, Brasil.

E-mail: [kalina.silva@upe.br](mailto:kalina.silva@upe.br)

---

### ABSTRACT

This study aims to analyze, through scientific literature, gender violence perpetrated against peripheral trans adolescents. This is a reflective review, based on the theoretical basis of socio-anthropological assumptions, in addition to current scientific literature relevant to the topic. This work was generated from the provocations that occurred in the mandatory subject Social History of Adolescence, inherent to a Postgraduate Program in Hebiatrics at a state University located in the capital of Pernambuco. Thus, for a better presentation of the results of this study, two central categories were listed: “Gender violence in the light of gender performativity” and “Gender violence perpetrated against peripheral trans adolescents”. Therefore, it is clear that these transgender adolescents in the periphery face several layers of oppression, being targets of violence due to their gender identity and their socioeconomic and demographic condition. In this way, the externalization of the aforementioned violence can trigger social exclusion that further aggravates the vulnerability of these young people, limiting their access to basic life resources.

**Keywords:** Gender-based violence; Adolescent; Transgender persons.

---

## RESUMO

Esse estudo tem por objetivo analisar por meio da literatura científica a violência de gênero perpetrada contra adolescentes trans periféricos. Trata-se de uma revisão reflexiva, fundamentado na base teórica dos pressupostos socioantropológicos, além da literatura científica atual pertinente à temática. Este trabalho foi gerado a partir das provocações ocorridas na disciplina obrigatória História social da adolescência, inerente a um Programa de Pós-graduação em Hebiatria de uma Universidade estadual localizada na capital de Pernambuco. Dessa forma, para uma melhor apresentação dos resultados desse estudo, foram elencadas duas categorias centrais: “A violência de gênero à luz da performatividade de gênero” e “A violência de gênero perpetrada contra adolescentes trans periféricos”. Portanto, é notório que esses adolescentes transexuais na periferia enfrentam várias camadas de opressões, sendo alvo da violência por sua identidade de gênero quanto por sua condição socioeconômica e demográfica. Desse modo, a exteriorização da violência supracitada, pode desencadear a exclusão social que agrava mais a vulnerabilidade desses jovens, limitando seu acesso aos recursos básicos de vida.

**Palavras-chave:** Violência de gênero; Adolescente; Pessoas transgênero.

---

## INTRODUÇÃO

A adolescência é uma fase complexa determinada por um período de transição entre a infância e a vida adulta, como também caracterizada de impulsos no desenvolvimento físico, social, emocional, mental e pela inserção na sociedade cujo objetivo é alcançar às expectativas culturais e sociais em que vive (Schoen-Ferreira; Aznar-Farias; Silves, 2010). No constructo de gênero e sexualidade nessa fase, há descobertas sexuais e construção da identidade de gênero (Carvalho; Melo, 2019).

Paralelo a isso, a identidade de gênero refere-se ao modo como o adolescente se percebe em relação ao gênero e pode ou não corresponder ao sexo atribuído no momento do nascimento (Carvalho; Melo, 2019). Desse modo, essa identidade é validada na adolescência pelo próprio indivíduo a partir da construção social. Contudo, segundo Fróis (2020) afirma que por mais que essa identidade seja validada nesse período, o seu início dá-se ainda na infância, quando a criança desenvolve experiências e convivências através da socialização primária e secundária, construindo de forma inicial sua percepção acerca de si e com quem ele se identifica no contexto social.

Na atualidade, “há diversos mundos e diversas formas de ser adolescente” (Schoen-Ferreira; Aznar-Farias; Silves, 2010). Sendo assim, margeia uma forma de juventude que precisa ser viabilizada, que são os adolescentes transgêneros periféricos. Eles são transgêneros pelo fato que a identidade de gênero se diferencia do sexo biológico. Esses adolescentes enfrentam opressão social, institucional e experimentam sentimentos de discriminação, preconceito, negação quanto à identidade de gênero e violências (Nascimento et al., 2020).

Em relação a temática descrita, vale salientar que a violência de gênero é a mais frequente na população transgênera e pode ser conceituada como qualquer tipo de agressão física, psicológica, sexual ou simbólica contra alguém devido a sua identidade de gênero ou orientação sexual. Além disso, evidencia-se que a violência de gênero pode ser estrutural e disfarçada, como também apresentar de forma complexa e intensa, resultante da discriminação de gênero e transfobia (Bandeira, 2014).

Logo, a violência de gênero contra adolescentes trans periféricos é um fenômeno complexo e multifacetado, que tem escassos estudos e relatos acerca da temática. Vale ressaltar que, nas periferias urbanas, onde as condições socioeconômicas muitas vezes são precárias e o acesso a serviços básicos é limitado, os adolescentes trans enfrentam desafios adicionais em sua jornada de afirmação de identidade (Silva, 2019). Consequentemente, a interseção da identidade de gênero e da localização periférica cria

um contexto particularmente desafiador para os adolescentes trans. A falta de recursos e apoio específicos para a comunidade trans nas periferias pode deixar esses jovens em situações de maior vulnerabilidade, sujeitos a abusos e agressões por parte de indivíduos intolerantes e de instituições que deveriam protegê-los (Gallardo Nieto; Espinosa Spínola, 2019).

Outrossim, a violência de gênero contra adolescentes trans periféricos muitas vezes se manifesta de maneiras sutis e sistemáticas, incluindo a negação de acesso a oportunidades educacionais e de emprego, bem como o isolamento social e a exclusão de espaços comunitários. Essas estratégias de violência contribuem para um ambiente hostil e prejudicial para o desenvolvimento saudável e a integração social desse público (Silva, 2019).

Em um estudo realizado com jovens lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros (LGBT) no período escolar e com interseção de raça/ localidade, demonstrou-se que 55,2% deles sofreram violência verbal, 11,2 % violência física e 45,2% relatam ter ouvido comentários negativos acerca de adolescentes transgêneros (Nascimento et al., 2020). Por conseguinte, é imensurável os impactos da violência de gênero no processo de autoaceitação, na saúde desses jovens trans, na evasão escolar, no isolamento social e entre outros aspectos.

É importante reconhecer que a violência de gênero contra o público mencionado nesse estudo, não é apenas um problema individual, mas sim estrutural e sistêmico (Silva, 2019). Ela está enraizada em normas de gênero rígidas, preconceitos arraigados e desigualdades estruturais que perpetuam a marginalização e a exclusão dessa população. Sem abordar essas questões de forma holística e abrangente, torna-se difícil criar mudanças significativas e duradouras (Gallardo Nieto; Espinosa Spínola, 2019).

Deste forma, torna-se indispensável entender a violência de gênero contra os adolescentes transgêneros na periferia e ainda a forma como a violência pode estar incorporada na estrutura social, entendimento que pode contribuir para a construção de intervenções educacionais e de saúde, a fim de contribuir para o desenvolvimento de experiências com enfoque na compreensão mais profunda da diversidade de gênero, na construção de uma sociedade justa e igualitária, além de refletir na prevenção e sensibilização das diversas formas da violência de gênero. Portanto, o objetivo desse estudo é refletir e descrever a temática de violência de gênero perpetrada contra adolescentes trans periféricos.

## METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão reflexiva, fundamentada na base teórica dos pressupostos socioantropológicos, além da literatura científica atual pertinente à temática. Este trabalho foi gerado a partir das provocações ocorridas na disciplina obrigatória História social da adolescência, inerente a um Programa de Pós-graduação em Hebiatria de uma universidade estadual localizada na capital de Pernambuco. Sendo incumbido aos discentes do curso de mestrado em Hebiatria, como etapa do processo avaliativo da disciplina, realizar uma revisão reflexiva que abordasse gênero e raça na formação brasileira com enfoque na adolescência. Para uma melhor apresentação desse trabalho, foram elencadas duas categorias centrais: “A violência de gênero à luz da performatividade de gênero” e “A violência de gênero perpetrada contra adolescentes trans periféricos”.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

### A VIOLÊNCIA DE GÊNERO À LUZ DA PERFORMATIVIDADE DE GÊNERO

A violência de gênero é um fenômeno complexo decorrente da estrutura social e cultural que perpetuam desigualdade de gênero (Vannuchi, 2020). Segundo Silva (2019), essa violência é caracterizada por comportamentos que causam danos físicos, psicológicos, sexuais, difamatórios direcionado ao seu gênero. Não há limitação as relações pessoais, mas pode permear em diversas esferas sociais, sendo considerada sistêmica e estrutural (Vannuchi, 2020; Marins, 2021).

O patriarcado tem uma base fundamentada nesse tipo de violência, visto que as estruturas patriarcais atribuem poder e hierarquização para os homens, e resta para as mulheres e minorais sexuais a subordinação. Essa desigualdade é perpetuada por normas socioculturais que promove um ambiente permissivo para que aconteça a violência de gênero (Costa, 2018).

Paralelo a isso, de acordo com Butler (2013), o gênero é uma identidade fluida, que dar-se pela repetição dos atos performativos que são regulados pelas normas sociais. Essas normas definem rigidamente o binômio de gênero, homem ou mulher. Com o viés nessa teoria da performatividade, a violência de gênero pune e marginaliza os corpos das pessoas que confrontam as expectativas sociais da heterocisnormatividade (Butler, 2013). Essa violência também é vista como uma forma de perpetuar e policiar essas normas, para

manter a hegemonia das identidades cisgêneras e heterossexuais (De Almeida Freitas, 2018).

Além disso, a matriz heteronormativa é uma estrutura social que privilegia a heterossexualidade e o sistema binário de gênero (Buttler, 2013). Dentro dessa matriz, além de definir o que é considerado ``normal`` acerca da identidade de gênero e orientação sexual, ela exerce poder sobre os corpos dissidentes e determina as vidas que precisam ser valorizadas e aquelas que são abjetas e intoleráveis (Carvalho; Macedo Júnior, 2019). Posto isso, os estudos demonstram que as pessoas transsexuais enfrentam violência pelo fato que suas existências desestruturam a ideia de que gênero é fixo e binário (Carvalho, 2024). Sendo a identidade trans uma afronta para heterocisgeneridade ameaçada e a violência surge como uma forma de restaurar o controle social das normativas tradicionais de gênero (Bandeira, 2014).

Um aspecto importante é a interseção do conceito de vulnerabilidade e violência de gênero. Segundo autores, todos os corpos são vulneráveis, mas há identidades que são mais vulneráveis pela estrutura do poder que determina quais corpos são esculpíveis ou meritórios (Carvalho; Macedo Júnior, 2019). Desta maneira, as identidades que não se encaixam nas normas predominantes de gênero são desumanizadas e desvalorizadas (Carvalho; Macedo Júnior, 2019; Marins, 2021), tendo a violência de gênero como algo aceitável e invisibilizada (Prata Filho, 2019). Por consequência, a violência descrita não traz consigo apenas ataques físicos, mas inclui a exclusão social e discriminação estrutural diante das normas restritas de gênero (Silva, 2019; Marins, 2021).

Na abordagem para o combate e resistência contra a violência supramencionada, surge dois aspectos: subversão performativa e a coalização política. A acerca da subversão performativa como um ato resistência para abrir espaço para maior diversidade de identidade e expressões de gênero, como também uma forma de desestabilizar a matriz heteronormativa por intermédio de ínfima subversão ou por movimentos sociais (Meireles, 2024). Isso corrobora para o enfraquecimento do poder das identidades ditas como normais e visibilizando as vivências e as demandas das pessoas LGBTQIAPN+ (Reis; Silva, 2020).

Portanto, a coalização política precisa reconhecer a interseccionalidade para transformação social e construção dos mecanismos para prevenção dessa violência (Meireles, 2024; Marins, 2021). Entender a interseccionalidade das opressões de gênero, raça, classe e sexualidade é relevante para conjunção de vários grupos marginalizados

com o objetivo de desafiar a estrutura do poder e promover uma sociedade mais inclusiva (Marins, 2021).

## **VIOLÊNCIA DE GÊNERO PERPETRADA CONTRA ADOLESCENTES TRANS PERIFÉRICOS**

As evidências científicas acerca da violência de gênero perpetrada contra adolescentes trans periféricos apresentaram-se sob diversos aspectos de gravidade e severidade a partir da perspectiva geográfica, cultural e política. É imprescindível relatar que segundo a Associação Nacional de Travestis e Transexuais – ANTRA (2019), a expectativa de vida de pessoas transgêneros no Brasil é de até 35 anos, e que esse país é classificado como o campeão em desrespeito, violência e mortalidade de pessoas trans e travestis. Sendo esse fato decorrente de violência de gênero, opressão e aniquilação de corpos dissidentes em relação a normativa de gênero (Lopes, 2015).

A violência de gênero no público descrito demonstrou -se complexa e estrutural, sendo perpetrada no ambiente social, familiar, pelos membros da comunidade LGBTQIAP +, no âmbito educacional, entre parceiros íntimos, no ambiente de trabalho, na esfera econômica, nos serviços de saúde, na internet e na comunidade que se mora. Essas estruturas que multiplicam e expõem esses indivíduos a violência mencionada, faz com que essa população se torne mais frequentemente vulnerabilizada, expostas aos fatores de risco, invisibilizadas e com maior prevalência de transtornos mentais (Silva et al., 2024).

Um ponto importante descrito no estudo de Jhons et al., (2023), é a menção da violência de gênero dentro dos serviços de saúde contra os adolescentes transsexuais que enfrentam barreiras no acesso à saúde, principalmente na demanda de saúde sexual e reprodutiva. Essa violência nos serviços citados anteriormente, são descritas como o não respeito ao nome social, negligência ao atendimento, insultos e discriminação por conta da identidade de gênero e alguns relatos de agressões por parte dos profissionais (Jhons et al., 2023). Como consequência dessa violência, o resultado dispõe o afastamento dessa população nos serviços de saúde, desigualdade em saúde, retardos de cuidados e tratamentos básicos (Sá; Caputo; Moraes, 2022; Rocon et al., 2017).

Ainda abordando sobre a violência de gênero nos centros de saúde, um aspecto relevante é a interseccionalidade entre gênero e raça. Um estudo no qual relacionava os adolescentes transsexuais e suas experiências de cuidado em saúde nos serviços na perspectiva de raça e etnia, evidenciou -se que as adolescentes transfemininas negras e

com condição socioeconômica baixa sofrem mais violências nos serviços de saúde quando comparadas com adolescentes transsexuais de outra raça ou etnia (Jhons et al., 2023). Desse modo, esclarecendo que além da violência de gênero, esses serviços também são perpetuadores do racismo (Sousa; Palacios e Melo, 2020; Freitas Trindade et al., 2023).

No eixo sociodemográfico, os adolescentes transgêneros que vivem nas periferias e muitas das vezes, são classificados como “marginalizados”, autorrelatam que tiveram experiência de violência sexual por familiares ou desconhecidos (Grassman et al., 2019). Além disso, retratam a violência simbólica exemplificada por intermédio do desemprego, visto que muitos adolescentes buscam a oportunidade de emprego e por conta da sua identidade de gênero não é concedida (Garcia; Silva; Sanchez, 2020). Consequentemente, sendo muito frequente os adolescentes trans estarem em trabalhos informais ou autônomo, como também, na prostituição. A prostituição ou trabalho sexual é escolhido como uma forma de sobrevivência entre esses adolescentes e não como um projeto pessoal de vida (Garcia; Silva; Sanchez, 2020).

O abuso sexual foi unânime nos estudos, que constataram que essa violência está presente no ambiente familiar, por desconhecidos e pelos parceiros íntimos. Os familiares também perpetuam a violência sexual, evidenciando que não há um lugar seguro para esses adolescentes transsexuais periféricos, pois o local que deveria protegê-los, a casa ou família; é justamente onde se inicia as primeiras práticas de abuso sexual, contato sexual forçado e assédio (Grassman et al., 2019).

Em relação aos parceiros íntimos, a violência na perspectiva do relacionamento ou no namoro é constantemente discutida na esfera de gênero a partir dos dados seguintes, de 204 adolescentes trans, 14,59 % expõem que tiveram penetração sexual indesejada, 14,53 % que vivenciaram relacionamento abusivo que repercutiu na saúde mental (Kiekens et al., 2021). Desse modo, outro estudo corrobora com esses dados e acrescenta que 32 % já sofreram violência física por parceiros íntimos e afirma que os adolescentes transgêneros sofrem mais violências nos relacionamentos quando comparados com os relacionamentos de adolescentes héteros e cisgêneros (Dank et al., 2013). Logo, é necessário entender a base dessa problemática de forma abrangente e não apenas pelo viés do relacionamento, pois existe outros aspectos socioculturais e de gênero que precisam ser investigados.

Com o avanço da internet e da facilidade para compra de aparelhos telefônicos, o ciberespaço tornou-se um ambiente muito visitado e diversificado. Para além do ideal que



existe no contexto das boas vivências nesses ambientes virtuais, a violência de gênero também se acomodou nesse espaço (Hott, 2023). No estudo feito por Peng et al., (2017), constatou – se 64,8 dos adolescentes trans sofreram violência em redes sociais, tendo suas fotos distorcidas para outro gênero, comentários transfóbicos em fotos pessoais, xingamentos e exposição da rede pessoal em grupos que disseminam comentários de ódio. Entretanto, os adolescentes trans se sentem coagidos para realizar as denúncias, porque também os espaços de denúncias não são tão acolhedores com o público transgênero (Ruiz, 2023).

Consequente, a família é um dos eixos mais assustador do ponto de vista da violência de gênero nesse público. A literatura científica descreve que muitos adolescentes são forçados a sair de casa, havendo quebra de vínculos dos familiares para com o adolescente trans (Nascimento et al., 2020; Grassman et al., 2019). Ou abandonam a casa dos responsáveis por questão de discriminação, violência psicológica, física, sexual e verbal. Os pais quem não aceitam a identidade de gênero dos seus filhos, os impõem para prática de terapia de conversão ou mudança para expressão de gênero no início da adolescência (Grassman et al., 2019). Mesmo a prática de terapia de conversão sendo proibida no Brasil, há grupos profissionais e familiares que acreditam que a orientação sexual e identidade de gênero pode ser alterada (Trindade, 2019).

Outrossim, surge o ambiente escolar como executora da cultura machista, patriarcal e LGBTfóbica. Os adolescentes trans periféricos representam a escola como um “inferno”, justificando essa representação pelos altos índices de bullying transfóbicos e violência verbal por parte dos alunos e professores (Bento; Xavier; Sarat, 2020). No estudo realizado na China com 282 adolescentes trans, 88,4 % relatam violência de gênero e bullying na escola, e as repercussões destas práticas, com o aumento da depressão, ansiedade, evasão escolar e ideação suicida (Peng et al., 2017).

Subsequente, a violência psicológica é pouca mencionada nos estudos ou pode não ser o foco dos objetos das pesquisas nessa temática. Mas, vale compactuar que a violência psicológica é transversal e se encontra em todos os outros tipos de violência. A violência psicológica pode ser um atenuante para o sofrimento psíquico e suicídio (Sousa; Nogueira, 2022). Isso colabora com o estudo de Silva et al., (2024), que expõe 41% dos jovens transgêneros experimentaram tentativas de suicídio ou autoagressão. Sendo crucial que a rede de saúde mental acolha esses jovens e previnam agravos em saúde decorrentes da violência.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, é notório que esses adolescentes transexuais na periferia enfrentam várias camadas de opressões, sendo alvo da violência por sua identidade de gênero quanto por sua condição socioeconômica e demográfica. Ressaltando que essa violência de gênero não se manifesta apenas fisicamente, mas pode se apresentar através de abusos psicológicos, sexual, verbal, na sociedade ou ambiente virtual, por familiares ou desconhecidos. Desse modo, a exteriorização da violência supracitada, pode desencadear a exclusão social que agrava mais a vulnerabilidade desses jovens, limitando seu acesso a recursos básicos de vida.

Sendo relevante o combate dessa realidade por meio de políticas públicas que promovam a proteção e apoio desses indivíduos, especialmente na periferia. Como também, a capacitação dos profissionais da saúde e educação, criação de espaços acolhedores na escola e garantia de acesso aos serviços de saúde e jurídico. Por fim, é de extrema importância a conscientização por intermédio de campanhas que incentivem a aceitação e respeito diante da diversidade de gênero e sexual.

## REFERÊNCIAS

Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA). DOSSIÊ – assassinatos e violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2019. Disponível em: <https://antrabrasil.files.wordpress.com/2020/01/dossic3aa-dos-assassinatos-e-da-violc3aancia-contra-pessoas-trans-em-2019.pdf>.

BANDEIRA, Lourdes Maria. Violência de gênero: a construção de um campo teórico e de investigação. **Sociedade e Estado**, [S.L.], v. 29, n. 2, p. 449-469, ago. 2014.

BENTO, Nosli Melissa de Jesus; XAVIER, Nubea Rodrigues; SARAT, Magda. Escola e infância: a transfobia lembrada\*. **Cadernos Pagu**, n. 59, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/18094449202000590011>.

BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade. 6 ed. Rio de Janeiro: **Civilização Brasileira**, 2013.

CARVALHO, Julia Baerlocher; MELO, Mônica Cristina. A FAMÍLIA E OS PAPEIS DE GÊNERO NA ADOLESCÊNCIA. **Psicologia & Sociedade**, v. 31, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2019v311168505>.

CARVALHO, Claudio Oliveira de; MACEDO JÚNIOR, Gilson Santiago. ‘Ainda vão me matar numa rua’: direito à cidade, violência contra LGBTs e heterocisnormatividade na cidade-armário. **Revista de Direitos e Garantias Fundamentais**, v. 20, n. 2, p. 143, 20 dez. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.18759/rdgf.v20i2.1018>.

COSTA, Renata Gomes da. Gênero, Patriarcado e Violência. **Revista Brasileira de Estudos da Homocultura**, v. 1, n. 3, p. 121-128, 29 ago. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.31560/2595-3206.2018.3.9178>.

DANK, Meredith et al. Dating Violence Experiences of Lesbian, Gay, Bisexual, and Transgender Youth. **Journal of Youth and Adolescence**, v. 43, n. 5, p. 846-857, 17 jul. 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s10964-013-9975-8>.

DE ALMEIDA FREITAS, Marcel. PERFORMANCES E PROBLEMAS DE GÊNERO, JUDITH BUTLER. **Revista Gênero**, v. 18, n. 2, 7 nov. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.22409/rg.v18i2.1154>.

FREITAS TRINDADE, Kamila et al. (In) visibilidade do Racismo estrutural no cuidado em saúde. **SANARE – Revista de Políticas Públicas**, v. 21, n. 2, 24 abr. 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.36925/sanare.v21i2.1629>.

FRÓIS, Érica Silva. A construção da expressão de gênero na infância: do gesto à palavra. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, São João Del-Rei, v. 15, n. 2, p. 1-15, jun. 2020.

GALLARDO NIETO, Elena María; ESPINOSA SPÍNOLA, María. La creatividad de género frente al sistema sexo-género: Voces de niñas y adolescentes trans\*. **Revista sobre la infancia y la adolescencia**, n. 17, p. 21, 30 out. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.4995/reinad.2019.11770>.

GARCIA, Carla Cristina; SILVA, Fabio Mariano da; SANCHEZ, Marcelo Hailer. Capitalismo e razão neoliberal: ódio colonial e extermínio de travestis e transexuais no Brasil. **Serviço Social & Sociedade**, n. 138, p. 321-341, ago. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0101-6628.215>.

GROSSMAN, Arnold H. et al. Parental Responses to Transgender and Gender Nonconforming Youth: Associations with Parent Support, Parental Abuse, and Youths' Psychological Adjustment. **Journal of Homosexuality**, p. 1-18, 27 nov. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/00918369.2019.1696103>.

HOTT, Márden Cardoso Miranda. Ambiente Virtual. **Diálogos Interdisciplinares em Psiquiatria e Saúde Mental**, v. 2, n. 2, p. e11072, 9 set. 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.59487/2965-1956-2-11072>

JOHNS, Michelle M. et al. Differences in Health Care Experiences among Transgender and Gender Diverse Youth by Gender Identity and Race/Ethnicity. **Prevention Science**, 22 abr. 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s11121-023-01521-5>.

KIEKENS, W. J. et al. Associations of Relationship Experiences, Dating Violence, Sexual Harassment, and Assault With Alcohol Use Among Sexual and Gender Minority Adolescents. **Journal of Interpersonal Violence**, p. 088626052110014, 14 mar. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/08862605211001469>.

LOPES, Fábio Henrique. CORPOS TRANS! VISIBILIDADE DAS VIOLÊNCIAS E DAS MORTES. **Revista Transversos**, v. 5, n. 5, 15 dez. 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/transversos.2015.19793>.

MARINS, Jackeline Correa. VIOLÊNCIA POLÍTICA DE GÊNERO. In: ANAIS DO 10º CONINTER – CONGRESSO INTERNACIONAL INTERDISCIPLINAR EM SOCIAIS E HUMANIDADES, 2021, Programa de Pós-Graduação em. **Anais do 10º CONINTER – CONGRESSO INTERNACIONAL INTERDISCIPLINAR EM SOCIAIS E HUMANIDADES**. Recife, Brasil: Even3, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.29327/154029.10-87>.

MEIRELES, Fernando. Política Distributiva em Coalizão. *Dados*, v. 67, n. 1, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/dados.2024.67.1.308>.

NASCIMENTO, Fernanda Karla et al. Brazilian transgender children and adolescents: Attributes associated with quality of life. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 28, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1518-8345.3504.3351>.

PARR, Nicholas J.; HOWE, Bethany Grace. Factors associated with frequency of gender identity nonaffirmation microaggressions among transgender persons. **Culture, Health & Sexuality**, p. 1-17, 21 maio 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/13691058.2020.1755454>.

PENG, Ke et al. Self-reported Rates of Abuse, Neglect, and Bullying Experienced by Transgender and Gender-Nonbinary Adolescents in China. **JAMA Network Open**, v. 2, n. 9, p. e1911058, 6 set. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1001/jamanetworkopen.2019.11058>.

PRATA FILHO, Ricardo. Os problemas de gênero e sexualidade na questão do refúgio identificações, dissidências e elegibilidade. In: III CONGRESSO DE DIVERSIDADE SEXUAL E DE GÊNERO. **III Congresso de Diversidade Sexual e de Gênero**. [S. l.]: Initia Via, 2019. ISBN 9788595470705. Disponível em: <https://doi.org/10.17931/95470705/v5a10>.

REIS, Aparecido Francisco do; SILVA, Carlos Eduardo Reis da. Erótica dissidente: A violência e a (re)invenção do corpo e do gênero entres as travestis. **Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 7, p. 47178-47191, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.34117/bjdv6n7-378>

ROCON, Pablo Cardozo et al. O que esperam pessoas trans do Sistema Único de Saúde? **Interface – Comunicação, Saúde, Educação**, v. 22, n. 64, p. 43-53, 7 dez. 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1807-57622016.0712>

RUIZ, Melissa Salinas. TRÂNSITOS FRONTEIRIÇOS DE PESSOAS TRANSGÊNEROS. **Revista (RE)DEFINIÇÕES DAS FRONTEIRAS**, v. 1, n. 3, p. 42-57, 16 jun. 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.59731/vol1iss3pp42-57>.

SÁ, Paula Trovão de; CAPUTO, Valeria Garcia; MORAES, Magali Aparecida Alves de. Percepção de pessoas transexuais sobre os atendimentos em serviços de saúde. **Revista Psicologia e Saúde**, p. 77-90, 9 jun. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.20435/pssa.v14i1.1185>.

SCHOEN-FERREIRA, Teresa Helena; AZNAR-FARIAS, Maria; SILVARES, Edwiges Ferreira de Mattos. Adolescência através dos séculos. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 26, n. 2, p. 227-234, jun. 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0102-37722010000200004>

SILVA, Ana Livia Félix e. et al. Violência interpessoal contra adolescentes LGBT. **Revista de Antropologia da UFSCar**, v. 15, n. 1, p. 123-139, 1 abr. 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.14244/rau.v15i1.446>.

SILVA, Dário Romão da. VIOLÊNCIA DE GÊNERO. **Revista da Emeron**, n. 25, p. 32-58, 31 jul. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.62009/emeron.2764.9679n25/2019/194/p32-58>.

SOUSA, Alexia Jade Machado; NOGUEIRA, Francisco Jander de Sousa. Narrativas de Pessoas LGBTQIA+ Universitárias acerca do Suicídio. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 22, n. 1, p. 32-49, 25 abr. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/epp.2022.66451>.

SOUSA DOS SANTOS, Roberta Georgia; PALACIOS DA CUNHA E MELO DE ALMEIDA REGO, Marisa. O racismo institucional sob a perspectiva da ética do cuidado, nos serviços de saúde: revisão integrativa. **Saúde Coletiva (Barueri)**, n. 56, p. 3198-3213, 29 set. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.36489/saudecoletiva.2020v10i56p3198-3213>

TRINDADE, Samuel Bernardo da. O Discurso da “Cura Gay” nas Igrejas Neopentecostais. **REFLEXUS – Revista Semestral de Teologia e Ciências das Religiões**, v. 13, n. 22, p. 531, 9 dez. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.20890/reflexus.v13i22.789>.

VANNUCHI, Maria Lúcia; TOMAZINI, Mariana Vannuchi. Gênero e violência. **Caderno Espaço Feminino**, v. 32, n. 2, p. 332-349, 29 fev. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.14393/cef-v32n2-2019-17>.